

JARDIM AMÉRICA ERA UMA FAZENDA ATÉ 1947

UM DOS BAIRROS MAIS ANTIGOS DA GRANDE VITÓRIA NASCEU COMO CONJUNTO HABITACIONAL, PARA DESAFOGAR DÉFICIT DE MORADIAS EM VITÓRIA

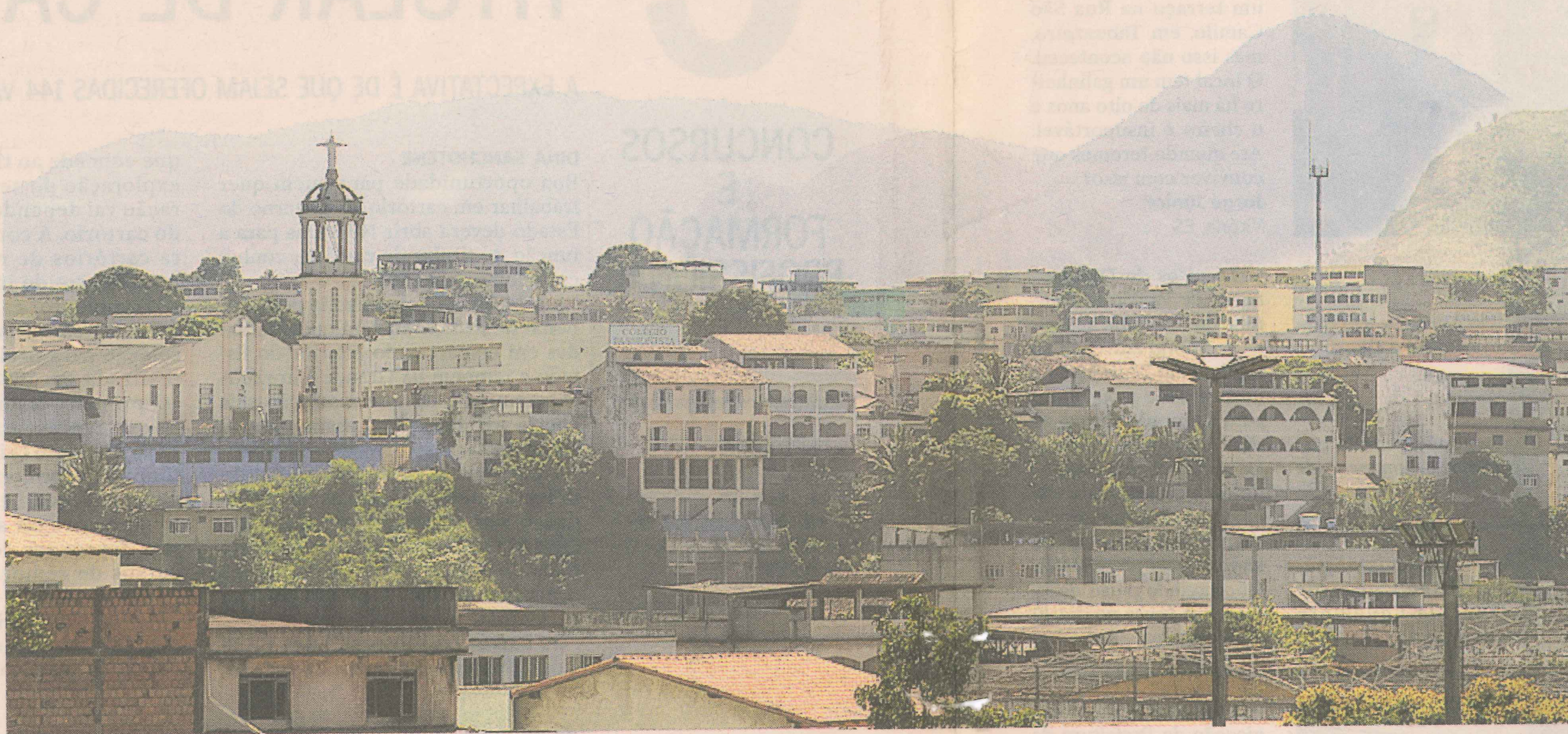
TATIANA PAYSAN

Até 1947, quem saísse de Vitória e atravessasse a Ponte Florentino Ávidos, seguindo pela Estrada de Vila Velha, veria a seguinte cena: uma extensa área de terrenos baixos, deserta e coberta por brejo. Estamos falando de Jardim América.

No papel, o bairro existe desde 1827, de quando data a primeira escritura pública de compra e venda. Para valorizar o terreno, a Companhia Melhoramentos de Vitória, de propriedade do criador do bairro, Hugo Viola, doou ao Instituto da Estiva um terreno de cerca de 6 mil metros quadrados.

A condição foi de que a empresa erguesse casas naquela área. No dia 10 de novembro de 1827, foi inaugurada a Vila Malcher de Souza. Até então, o que existia no local era a Fazenda do Paul.

Em 1947, teve início a construção do



CRESCIMENTO. Ao cruzar a Segunda Ponte, onde só era possível avistar terrenos desertos até início da década de 40, hoje se vêem casas, lojas e até indústrias, em um bairro que abriga uma população de mais de 26 mil habitantes. FOTOS: FÁBIO VICENTINI

primeiro conjunto habitacional, com 100 casas, construído pela Companhia de Melhoramentos S.A, segundo registrado no “Edição Comemorativa ao 60º aniversário do bairro Jardim América”, que foi cedido à reportagem do Gazeta nos Bairros pela Associação de Moradores.

Habitação. O conjunto conseguiu amenizar o grave problema residencial de Vitória, que já tinha uma grande população para a época. As residências construídas em Jardim América tinham dois quartos, uma sala, varanda, banheiro e cozinha.

Até esta data, havia pouco por lá: além da Vila Malcher de Souza, apenas um trecho de rua que partia da encruzilhada Cariacica-Viana, em direção ao pé do morro, mais uma dúzia de casas salpicadas pelas proximidades.

Foi justamente neste período que dona Patrocínia Martins, de 87 anos, chegou ao bairro, em 1946. “Moro aqui há 59 anos. Na época, só havia uns três moradores. Ainda não tinham casas populares, energia, nem

outras coisas. Vivíamos na base da lamparina de querosene e fogão a lenha. A gente dormia ouvindo os grilos”, contou.

Se ela pensa em sair da casa, que é a mesma construída pelo marido, há quase seis décadas? A resposta é não. Mesmo com uma artrite e uma artrose, que dificultam a sua movimentação, dona Patrocínia não deixa de ir à missa nem um domingo sequer. Além disso, ela mesma plantou a sua horta, que tem cebolinha, salsa, coentro e margaridas.

A história de dona Patrocínia é um das que os leitores de A GAZETA vão acompanhar esta semana, dentro do Gazeta nos Bairros, sobre Jardim América. Acompanhe e saiba também quais são as reivindicações dos moradores, sobre melhorias no bairro.

TOME NOTA: Amanhã, você confere a atuação de entidades sociais de Jardim América. E no sábado, o mapa do bairro.



ORGULHO. A dona-de-casa Patrocínia Martins não pensa em deixar Jardim América. “A minha casa é o meu tesouro e não saio daqui por nada. Foi neste local que criei meus 11 filhos e só saio quando eu for para o sossega-leão”, disse, referindo-se à morte.

PERSONAGENS

“Preço único: R\$ 2,00”

“Moro em Jardim América há 60 anos. Era trocador de ônibus e, com o dinheirinho que juntei, montei uma oficina de bicicletas. Aprendi a consertar bicicletas sozinho. Hoje tenho muitos clientes. Aqui o preço é tabelado: R\$ 2,00 para tudo, independente do serviço. Faço isso pra atrair a freguesia. Daqui a pouco não vai ter mais espaço para tanta bicicleta. Já perdi as contas de quantas já consertei. Trabalho sempre sorrindo e sou tão conhecido que fui tema do samba-enredo do bloco Dispirock, tradicional no bairro”. FOTO:FÁBIO VICENTINI

HIPÓLITO MACHADO

Comerciante



“Pé de porco no feijão”

“Sou dono de um dos mais tradicionais botecos de Jardim América, o Mi, que fica na Rua Chile. Os tira-gostos e cachaças são os carros-chefe. Galinha frita, língua de boi, torresmo, fígado, bolinho de carne, é só chegar no boteco e escolher. Eu mesmo é quem faço tudo. Quina Rosa, salsa, paratudo, são alguns dos aperitivos. O movimento é maior depois das 18h. Meus clientes são os moradores e os funcionários das empresas e lojas do bairro. Abro o bar de terça-feira a domingo. Nos finais de semana, ainda tem rabada, pé de porco no feijão e mocotó de bucho para incrementar o cardápio”.

FOTO:FÁBIO VICENTINI

VALDEMIR ANTÔNIO

NEPUMOCENO

Comerciante